

## A TRADUÇÃO NÃO ESCRITA ENVOLVENDO LÍNGUAS DE SINAIS: REFLEXÕES SOBRE SUA ESPECIFICIDADE E CARACTERÍSTICAS<sup>1</sup>

### SIGN LANGUAGE *UNWRITTEN TRANSLATION*: REFLECTIONS ON ITS SINGULARITY AND FEATURES



Carlos Henrique RODRIGUES  
Professor Associado  
Universidade Federal de Santa Catarina  
Centro de Comunicação e Expressão  
Departamento de Libras  
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução  
Núcleo de Pesquisas InterTrads  
Programa de Extensão Otradilis  
Florianópolis, Santa Catarina, Brasil  
lattes.cnpq.br/5540140775795294  
orcid.org/0000-0002-5726-1485  
carlos.rodrigues@ufsc.br

1

**Resumo:** Considerando as demandas atuais por processos tradutórios que não envolvem necessariamente textos escritos, apresentamos uma reflexão sobre a singularidade e as características do processo de tradução que tem o seu texto-alvo em uma língua de sinais registrada em vídeo. Para tanto, partimos da conceituação de processos tradutórios e interpretativos e da diferenciação entre eles. Em seguida, trazemos alguns dados relativos às discussões e às pesquisas que problematizam esse processo tradutório não escrito que tem seu texto-alvo em uma língua de sinais registrada em vídeo. E, então, uma denominação de tais processos é apresentada, com base no conceito de tradução não escrita — isto é, aquela tradução em que o texto-alvo está em sua modalidade oral e, portanto, é registrado em áudio ou vídeo —, bem como uma primeira proposta de classificação de demais processos correlatos. Por fim, apresentamos algumas características do processo de tradução não escrita de um texto escrito, em uma língua vocal, para um texto oral, em uma língua de sinais, registrado em vídeo. Além disso, destacamos a necessidade de novos estudos e pesquisas sobre esse e demais processos que podem também ser elencados sob a denominação tradução não escrita.

**Palavras-chave:** Tradução de línguas de sinais. Tradução não escrita. Tradução da escrita para sinais. Tradução para língua de sinais em vídeo. Conceituação da tradução.

**Abstract:** *Considering the current demands for translation processes that do not necessarily involve written texts, a reflection is presented on the singularity and features of the translation process that has its target text in a sign language recorded on video. To do so, it starts with the conceptualization of translation and interpreting processes and the differentiation between them. Then, data related to discussions and research that problematize the unwritten translation process — from written text into video-recorded sign language — are presented. Next, a denomination of such processes is offered, based on the concept of unwritten translation — that is, that translation in which the target text is in its oral modality and, therefore, is recorded in audio or video — as well as a first proposal of classification of the other related processes. Finally, characteristics of the unwritten translation from a written text (vocal-auditory language) into a signing text (gestural-visual language) recorded on video are presented. In addition, there is a demand for further studies and research on this written-signed process and on other translation processes that are within the unwritten translation.*

**Keywords:** *Sign Language Translation. Unwritten Translation. Written-Signed Translation. Translating into recorded signed language. Translational Concepts.*



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da *Licença Creative Commons* Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

*This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.*

---

**P**or muito tempo, convencionou-se denominar os processos de reformulação interlinguística<sup>2</sup> que envolvem línguas em sua modalidade *oral* como *interpretação* e em sua modalidade *escrita* como *tradução* (Pagura, 2003, 2015; Baker & Saldanha, 2009), e aqueles que partem da língua em sua modalidade escrita tendo como alvo a língua em sua modalidade oral, sendo oferecida imediatamente, como tradução à prima vista (*sight translation*), interpretação à prima vista (*sight interpreting*), simultânea com texto (*simultaneous with text*), entre outros (Jiménez-Ivars, 2002; Gile, 2009; Pöchhacker, 2009; Sampaio, 2017). Esse tipo singular de processo seria, na consideração de diversos teóricos, um *híbrido*, o que, inclusive, é corroborado com sua denominação oscilante: ora definido como tradução ora como interpretação (Jiménez-Ivars & Hurtado Albir, 2003).

Essa conceituação, que se restringe à identificação das modalidades de uso das línguas envolvidas no processo interlinguístico como sendo o fator determinante para sua definição, pode ser considerada reducionista, visto que se define um processo a partir de apenas uma de suas características, desconsiderando as demais variáveis que o afetam e, portanto, o diferenciam de outros processos (Rodrigues, 2013, 2018). Entretanto, é importante notar que tais conceitos foram historicamente criados e, possivelmente, atenderam às demandas de outras épocas. Para Pereira (2015, p. 68), “atualmente, falarmos apenas de tradução e interpretação [em suas tradicionais acepções] não é suficiente para abrangermos todas as formas possíveis de relação na transformação de uma mensagem em uma língua para outra”.

Com as diversas mudanças políticas, econômicas, sociais, tecnológicas e científicas do último século, novas dinâmicas e práticas comunicacionais se consolidaram. E, deste modo, surgiram e/ou se intensificaram outras demandas de reformulação interlinguística, muitas inclusive impactadas pelas novas tecnologias e por outros avanços sociais e científicos. Dentre essas novas demandas, podemos citar a tradução automática, a pós-edição, as modalidades de Tradução Audiovisual — dublagem, legendagem intralingual e interlingual, *voice-over*, supralegendagem etc. — e a tradução envolvendo línguas de sinais, por exemplo.

Ao abordar a diversidade dos processos de tradução e de interpretação, Wurm (2010) considera que estamos nos afastando de uma polarização binária entre a tradução e a interpretação, já que “as práticas de tradutores e intérpretes, por um lado, se sobrepõem, e encontramos modalidades de tradução completamente novas que também não se assemelham. O panorama das modalidades de tradução está se ampliando e se tornando mais diversificado”<sup>3</sup> (Wurm, 2010, p. 198, tradução minha). Vemos, por exemplo, o texto<sup>4</sup> escrito servindo, cada vez mais, ao fluxo da comunicação de modo ágil e imediato; e o texto oral, tanto o vocal-

---

RODRIGUES, Carlos Henrique. *A tradução não escrita* envolvendo línguas de sinais: reflexões sobre sua especificidade e características. *Revista Belas Infieis*, Brasília, v. 12, n. 1, p. 01-21, 2023. e-ISSN: 2316-6614. DOI: 10.26512/belasinfeis.v12.n1.2023.45612

---

auditivo como o gestual-visual, sendo planejado e registrado em áudio e/ou vídeo para consumo posterior, além de outras variedades.

No que se refere à tradução envolvendo línguas de sinais, temos que destacar o fato de não termos um sistema de escrita dessas línguas que esteja consolidado e difundido e que seja de uso corrente<sup>5</sup>. Devido a esse fato, corroborado por uma série de outros aspectos sociais específicos, no decorrer da história das pessoas surdas, a ênfase recaiu em processos de interpretação intermodal sinalizada (*i.e.*, de uma língua vocal para uma língua gestual) e a tradução, por muito tempo, não foi sequer considerada, já que, na visão tradicional, para que haja um processo de tradução, os textos envolvidos têm que estar em sua modalidade escrita (Rodrigues & Beer, 2015; Rodrigues, 2018).

Nessa perspectiva, abordamos, neste artigo, processos tradutórios que envolvem textos-alvo em sua modalidade oral, os quais vêm sendo denominados de diferentes formas, inclusive como *tradução não escrita* (Rodrigues, 2018). Para tanto, (i) partimos de uma conceituação de processos tradutórios e interpretativos, a partir de sua caracterização e diferenciação; (ii) apresentamos alguns dados relativos às discussões e às pesquisas que problematizam o processo tradutório não escrito que tem seu texto-alvo em uma língua de sinais registrada em vídeo; e, por fim, (iii) defendemos a denominação de tais processos, a partir do conceito de tradução não escrita, e apresentamos as necessidades de novos estudos e pesquisas sobre eles.

3

### **Conceituando e Diferenciando a Tradução e a Interpretação**

A distinção mais comum e popular entre a tradução e a interpretação estabelece-se sobre a seguinte afirmação: *a tradução é escrita e a interpretação é oral* (Pagura, 2003; Baker & Saldanha, 2009; Rodrigues, 2013, 2018). Segundo Pagura (2015, p. 183),

chamamos de tradução a conversão de um texto escrito em uma língua, denominada língua de partida, para uma outra, designada língua de chegada; consideramos interpretação a conversão de um discurso oral, de uma língua de partida para uma língua de chegada.

Com isso, temos que quando o texto-fonte escrito é submetido a um processo de reformulação interlinguística, resultando em um texto-alvo escrito, trata-se de uma tradução. E que, por outro lado, quando o texto-fonte está em sua modalidade oral e passa por um processo de reformulação interlinguística, em que o texto-alvo também é oral, temos uma interpretação.

---

E se temos um texto-fonte escrito, que resulta em um texto-alvo oral, há um processo de tradução/ interpretação à prima vista. Nas palavras de Daniel Gile, “interpretação é a tradução oral ou sinalizada do discurso oral ou em sinais, como oposta à tradução oral de textos escritos. Mais tarde conhecida como tradução à prima vista”<sup>6</sup> (Gile, 2009, p. 51, tradução minha).

Essa perspectiva não está incorreta e, de fato, serve como uma possibilidade inicial de aproximação, compreensão, definição e distinção de processos tradutórios e interpretativos. Por outro lado, ela se torna ineficiente, insuficiente e inadequada quando são levadas em consideração as demais variáveis que interferem em uma diversidade de processos de reformulação interlinguística. Assim, ao analisarmos tais processos, no intuito de categorizá-los e de distingui-los, veremos que a modalidade dos textos e a sua materialidade são apenas alguns dos fatores que precisam ser considerados.

Portanto, (1) se tivermos um texto-fonte oral registrado em áudio, ele poderá ser submetido a um processo tradutório resultando em um texto-alvo escrito ou mesmo oral em outra língua, conforme o encargo requerido. Por outro lado, (2) é possível que se tenha um encargo em que o texto-fonte escrito é, gradativamente, exibido em uma tela, em seu tempo real de (re)produção, enquanto é submetido a um processo interpretativo que resulta em um texto-oral em outra língua<sup>7</sup>. A partir dessas possibilidades, pode-se inferir que a definição do processo como tradutório ou como interpretativo está para além da modalidade escrita ou oral dos textos envolvidos, já que restrições temporais, contextuais e operacionais, assim como outros aspectos cognitivos e psicofisiológicos, impactam sua definição (Kade, 1968; Pöschhacker, 2004, 2009; Stone, 2009; Rodrigues, 2013, 2018; Pereira, 2015).

Características relevantes, por sua vez, parecem estar em outros fatores relacionados à forma como esses textos são disponibilizados, ao modo como podem ser manipulados, ao quando e ao como eles serão entregues ao público-alvo etc. Na primeira explicação acima, ainda que o texto-fonte seja um texto oral, ele está registrado em um dado suporte, permitindo que ele seja manipulado de acordo com o encargo e o modo de trabalho do tradutor. Já na segunda, embora tenhamos um texto-fonte escrito, ele vai sendo construído e desaparecendo diante do profissional, demandando uma atitude interpretativa imediata, já que, embora se materialize comumente em uma tela, ele não pode ser manipulado, conforme ocorreria em uma tradução.

Esses aspectos mencionados são de ordem operacional, ou seja, dizem respeito ao como e ao quando o processo se realiza, ao modo de tradução e/ou de interpretação. Há outras possibilidades que podem se manifestar em determinados encargos — por exemplo, uma

“tradução-interpretada” em que um texto que é previamente traduzido e memorizado, mas apresentado de modo oral ao público por meio de uma *performance*, sem nenhuma tecnologia de registro. Ademais, a operacionalização também tem implicações de ordem cognitiva que vão distinguir os processos mentais demandados na tradução e na interpretação em suas múltiplas possibilidades e modalidades (Groot, 1997; Alves & Pagura, 2002; García, 2019). Nesse sentido, as atitudes, as habilidades e os conhecimentos requeridos para se levar a cabo processos tradutórios e interpretativos não serão os mesmos, e a depender das singularidades de cada modalidade e do encargo assumido, as competências necessárias podem ser completamente diferentes e algumas competências podem ser bem mais requeridas que outras.

Nessa perspectiva, assumimos que para se distinguir processos tradutórios e interpretativos, é necessário que sejam levadas em consideração várias características definidoras. Como afirma Rodrigues (2022, p. 32), “reforçamos a importância de que os processos tradutórios e interpretativos não sejam diferenciados somente pelo fato de envolverem, respectivamente, textos escritos ou orais”. Assim, os aspectos operacionais e, conseqüentemente, as demandas cognitivas atreladas à tradução e à interpretação, precisam ser observados. A seguir (Quadro 1), listamos algumas dessas características definidoras capazes de auxiliar na compreensão, descrição e distinção entre a tradução e a interpretação, para além da modalidade escrita ou oral, do texto-fonte e do texto-alvo.

**Quadro 1:** Elementos distintivos entre tradução e interpretação<sup>8</sup>

<b>Aspecto</b>	<b>Características definidoras de processos de tradução</b>	<b>Características definidoras de processos de interpretação</b>
<i>Modalidade do texto-fonte</i>	(i) escrita (ii) oral, desde que registrada	(i) oral (ii) escrita, desde que em fluxo
<i>Caráter do texto-fonte</i>	(i) acabado / estável (ii) registro indispensável: escrita, áudio ou vídeo	(i) em construção / contingente (ii) registro prescindível
<i>Disponibilização do texto-fonte</i>	(i) concentrada / perene / integral (ii) texto-fonte completo	(i) fracionada / efêmera / gradual (ii) texto-fonte em andamento
<i>Operacionalização</i>	(i) posterior à produção do texto-fonte (ii) prévia à sua disponibilização (iii) pode ser fracionada (iv) comumente, realizada de modo individual ou em equipe (v) com livre acesso ao suporte de recursos de apoio (vi) sob restrições temporais de menor impacto	(i) concomitante à (re)produção do texto-fonte (ii) imediata à sua disponibilização (iii) tende a ser contínua (iv) comumente, realizada em duplas ou em equipe (v) com acesso limitado ao suporte de recursos de apoio (vi) sob restrições temporais de maior impacto
<i>Revisão</i>	(i) oculta ao público	(i) visível ao público

Aspecto	Características definidoras de processos de tradução	Características definidoras de processos de interpretação
	(ii) pode ocorrer durante e após o processo	(ii) comumente, pode ocorrer apenas durante o processo
<i>Texto-alvo</i>	(i) indispensável sua disponibilização em suporte físico ou virtual (ii) registro necessário, pois é inerente ao processo (iii) modalidade escrita ou oral	(i) majoritariamente, não há necessidade de sua disponibilização em qualquer tipo de suporte (ii) registro dispensável, pois não faz parte do processo (iii) modalidade oral
<i>Caráter do texto-alvo</i>	(i) registrado (ii) planejado (iii) duradouro	(i) imediato (ii) espontâneo (iii) fugaz
<i>Disponibilização do texto-alvo</i>	(i) posterior à produção do texto-fonte (ii) lapso temporal entre a produção do texto, sua tradução e sua disponibilização	(i) concomitante à (re)produção do texto-fonte (ii) contiguidade entre a produção do texto, sua tradução e sua disponibilização
<i>Contato com o público-alvo</i>	(i) majoritariamente, indireto (ii) assíncrono, mediado pelo texto-alvo registrado	(i) majoritariamente, direto (ii) síncrono, mediado pelo texto-alvo em curso

Fonte: o autor.

6

Ao abordar as características e distinções entre a tradução e a interpretação, Rodrigues (2022, p. 33), considerando a modalidade gestual-visual das línguas de sinais, explica que

como a língua de sinais em sua produção oral (*performance corporal-visual*) tem como meio de registro o vídeo, temos que a definição básica de tradução como um processo que envolve, basicamente, o texto escrito precisa ser ampliada para englobar esse processo tradutório caro às línguas de sinais.

Portanto, entendemos que a caracterização e conceituação de tradução e de interpretação precisam ser revistas e atualizadas, no sentido de abarcar, não apenas os processos de reformulação interlinguística que envolvem línguas de sinais, mas, inclusive, as diversas modalidades contemporâneas de tradução e de interpretação, assim como suas variedades e os diferentes encargos possíveis.

Com isso, numa perspectiva atualizada, podemos depreender o seguinte: na tradução, o texto-fonte — escrito, em áudio ou em vídeo —, já construído e finalizado, é disponibilizado em um dado suporte físico ou virtual, podendo ser manipulado pelo tradutor, segundo o encargo assumido e o seu modo de trabalho, com consulta a recursos de apoio, durante o processo

---

tradutório, e com a revisão da tradução, em seu suporte final, antes de sua disponibilização ao público-alvo; já na interpretação, o texto-fonte — em processo de construção escrita ou oral — é disponibilizado gradativamente ao intérprete, que vai tendo acesso ao texto na medida em que ele é produzido e desaparece. Sua atuação ocorre de maneira imediata, segundo o encargo assumido, com pouca possibilidade de apoio externo, e se ajustando ao ritmo de (re)produção/disponibilização do texto-fonte e ao público que, comumente, acompanha o processo interpretativo.

### **A Tradução Não Escrita Envolvendo Línguas de Sinais**

A *tradução não escrita* seria, numa definição geral, aquele processo de reformulação interlinguística que possui, majoritariamente, aspectos operacionais característicos de processos tradutórios, mas que se singulariza pelo fato de o seu texto-alvo ser disponibilizado na modalidade oral da língua por meio de tecnologias de registro de áudio e/ou de vídeo<sup>9</sup>. Na conceituação de tradução intermodal não escrita proposta por Rodrigues (2022, pp. 33–4), temos que,

considerando a tradução intermodal, é possível organizá-la, de modo geral, em duas categorias em relação ao caráter do produto. Assim, podemos pensar numa tradução que tem como produto final o texto escrito e, portanto, passível de produção prévia e de registro automático (*i.e.*, o registro é intrínseco à própria tradução), e outra que tem como produto final o texto não escrito, registrado em vídeo ou em áudio, o qual, embora também tenha uma produção prévia ao conhecimento do público, não possui registro automático (*i.e.*, como o produto é oral, há a necessidade de uso de uma tecnologia externa à tradução para seu registro).

Embora Rodrigues (2018) esteja abordando processos intermodais e construa a definição de tradução não escrita com base neles, podemos considerar que tal tradução não é necessariamente um processo intermodal, já que pode ocorrer em processos intramodais, tanto nos gestuais-visuais (*i.e.*, entre duas línguas gestuais) quanto nos vocais-auditivos (*i.e.*, entre duas línguas vocais), já que o que define a tradução não escrita é a *modalidade de uso da língua em que está o texto-alvo*, isto é, a modalidade oral registrada em áudio ou registrada em vídeo, e não a *modalidade de língua em que o texto-alvo está* (*i.e.*, se está em uma língua gestual ou vocal).

Independentemente da possibilidade de a tradução não escrita ser, no que se refere à modalidade de língua, intermodal ou intramodal — tanto vocal-auditiva quanto gestual-visual — e de, conseqüentemente, poder se materializar em um texto-alvo oral em uma língua de sinais ou em uma língua vocal, neste artigo enfocamos a tradução não escrita em que o texto-fonte está escrito em uma língua vocal e o produto-final está em uma língua de sinais, em sua modalidade oral, registrada em vídeo.

As singularidades e os desafios desse processo vêm sendo apontados e discutidos por diferentes pesquisadores dos Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais (ETILS). Vemos, inclusive, esse processo sendo indicado a partir de diferentes denominações: tradução/encenação em língua de sinais (Quadros & Souza, 2008), tradução em língua de sinais gravada (Wurm, 2010), tradução-interpretação (Silvério *et al.*, 2012), tradução intermodal para a língua de sinais oral (Quadros & Segala, 2015), tradução videogravada (Peluso, 2015), tradução intermodal não escrita para língua de sinais (Rodrigues, 2018), tradução em língua de sinais por meio de vídeo (Carneiro *et al.*, 2020), por exemplo.

8

A tradução não escrita para línguas de sinais tem sido alvo de diferentes investigações de mestrado e de doutorado na pós-graduação brasileira. Ao pesquisar no buscador do Google, no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), em *sites* de programas de pós-graduação das áreas de educação, linguística e tradução e em publicações que trazem mapeamentos de pesquisas dos Estudos da Tradução de Línguas de Sinais (Pereira, 2010; Santos, 2013; Rodrigues & Beer, 2015; Linhares, 2019), vinculando diferentes descritores (“tradução” + “Libras” e “tradução” + “sinais” etc.) e analisando os títulos e resumos, encontramos 31 pesquisas, publicadas entre 1995 e 2022, que abordaram a tradução não escrita para uma língua de sinais registrada em vídeo (Quadro 2).

**Quadro 2:** *Pesquisas sobre tradução não escrita para línguas de sinais em vídeo.*

N.º	U	PÓS	NÍVEL	ANO	AUTORIA	TÍTULO
1	UFRJ	Letras	M	1995	Clélia Regina Ramos Orientação: Ana Maria de Amorim Alencar	Língua de Sinais e Literatura: uma proposta de trabalho de tradução cultural
2	UFRJ	Letras	D	2000	Clélia Regina Ramos Orientação: Ana Maria de Amorim Alencar	Uma leitura da tradução de Alice no País das Maravilhas para a Língua Brasileira de Sinais

N.º	U	PÓS	NÍVEL	ANO	AUTORIA	TÍTULO
3	UFSC	Tradução	M	2010	Rimar Ramalho Segala Orientação: Ronice Müller de Quadros	Tradução intermodal e intersemiótica/ interlingual: português brasileiro escrito para Língua Brasileira de Sinais
4	UFSC	Tradução	M	2010	Saulo Xavier de Souza Orientação: Ronice Müller de Quadros	<i>Performances</i> de tradução para a Língua Brasileira de Sinais observadas no curso de Letras-Libras
5	UFSC	Literatura	M	2010	Jefferson Bruno Moreira Santana Orientação: Cláudia Junqueira de Lima Costa	Fronteiras Literárias: Experiência e Performances dos Tradutores e intérpretes de Libras
6	UFSC	Tradução	M	2012	Nelson Pimenta de Castro Orientação: Ronice Müller de Quadros	A tradução de fábulas seguindo aspectos imagéticos da linguagem cinematográfica e da língua de sinais
7	UFSC	Tradução	M	2013	Natália Schleder Rigo Orientação: Markus Johannes Weininger	Tradução de Canções de LP para LSB: identificando e comparando recursos tradutórios empregados por sinalizantes surdos e ouvintes
8	UNISINOS	Linguística	D	2015	Andre Ribeiro Reichert Orientação: Cátia de Azevedo Fronza	Da Língua Portuguesa escrita à Libras: problematizando processo de tradução de provas de vestibular
9	UFSC	Tradução	M	2015	Betty Lopes L'astorina de Andrade Orientação: Rodrigo Rosso Marques	A tradução de obras literárias em Língua Brasileira de Sinais: antropomorfismo em foco
10	UFSC	Tradução	M	2015	Geisielien Santana Valsechi Orientação: Ana Regina e Souza Campello	Vestibular, estudo de caso: Prosódia na tradução para Libras.
11	UnB	Tradução	M	2015	Thatiane do Prado Barros Orientação: Soraya Ferreira Alves	Experiência de tradução poética de português/Libras: três poemas de Drummond
12	UFSC	Tradução	M	2016	Michelle Duarte da Silva Schlemper Orientação: Rodrigo Rosso Marques	Traduções Infantis para Libras: o conto como mediador de aquisição sinalar
13	UFC	Tradução	M	2016	Emerson Cristian Pereira dos Santos Orientação: Robert Brose Pires	Metáforas conceituais baseadas em vida, morte e ressurreição e sua tradução para Libras

N.º	U	PÓS	NÍVEL	ANO	AUTORIA	TÍTULO
14	UFSC	Tradução	M	2017	Klícia de Araújo Campos Orientação: Rachel Louise Sutton-Spence	Literatura de Cordel em Libras: os desafios de tradução da literatura nordestina pelo tradutor surdo
15	UFC	Tradução	M	2017	Daniel Almeida de Lima Orientação: Walter Carlos Costa	“Missa do Galo” em Libras: possibilidades tradutórias
16	UFSC	Tradução	M	2017	Ester Vitória Basílio Anchieta Orientação: Tarcísio de Arantes Leite	Incorporação e partição do corpo: o espaço subrogado no discurso narrativo de uma tradução de literatura infantil do português para a Libras
17	UFC	Tradução	M	2017	Marcos Weydson Pinheiro Orientação: Tito Lívio Cruz Romão	Tradução como ferramenta de compreensão da língua portuguesa no curso de Letras Libras da Universidade Federal do Ceará
18	URI	Literatura	M	2017	Elis Gorett da Silveira Lemos Orientação: Denise Almeida Silva	Leitura, surdez e inclusão: tradução comentada do conto “vestida de preto” do português para a Língua Brasileira de Sinais – Libras
19	UFSC	Tradução	D	2017	Renata da Silva Krusser Orientação: Ronice Müller de Quadros	Design editorial na tradução de português para Libras
20	UnB	Tradução	M	2018	Gilmar Garcia Marcelino Orientação: Soraya Ferreira Alves	A explicitação na tradução do livro “O pequeno príncipe e o pássaro de fogo” da língua portuguesa para Libras
21	UnB	Tradução	M	2018	Marcos de Brito Orientação: Soraya Ferreira Alves	Tradução intersemiótica em língua de sinais brasileira do poema “O camponês e o moleiro” de Wilhelm Busch: uma sinalização unificada de texto escrito e imagem
22	UnB	Tradução	M	2019	Maísa Conceição Silva Orientação: Germana Henriques Pereira	Tradução-interpretação em Libras do poema “Aninha e suas pedras”, de Cora Coralina.
23	UFSC	Tradução	M	2019	Núbia Flávia Oliveira Mendes Orientação: Markus Johannes Weininger	Informações centrais de medicamento em instituir o direito Libras: tradução comentada para e o acesso linguístico dos surdos na área da saúde
24	UFSC	Tradução	M	2019	Walquíria Peres de Amorim Orientação: Rodrigo Rosso Marques	Luz, Câmera, Edição: recursos gráficos visuais para traduções acadêmicas de Português/Libras em videoprovas

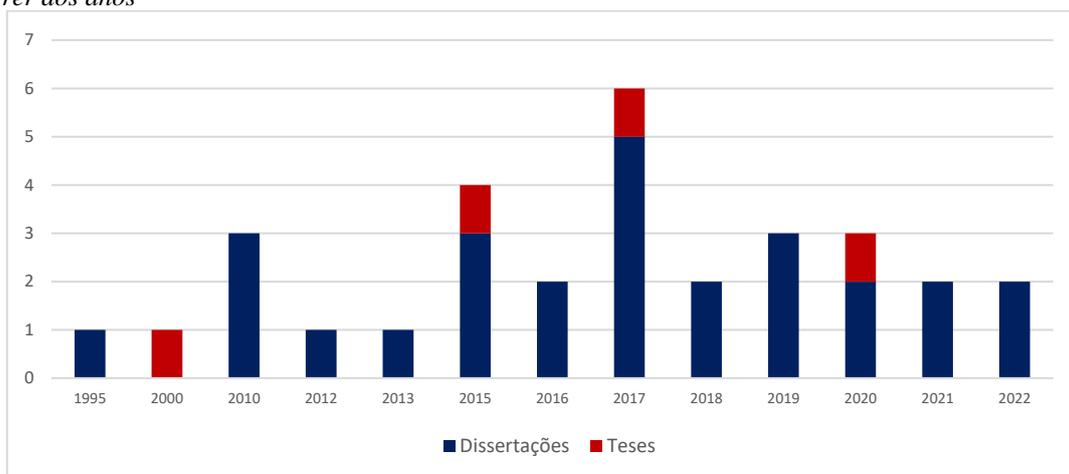
N.º	U	PÓS	NÍVEL	ANO	AUTORIA	TÍTULO
25	UFSC	Tradução	M	2020	Fernando Eustáquio Guedes Orientação: Carlos Henrique Rodrigues	Tradução de provas para Libras em vídeo: mapeamento das videoprovas brasileiras de 2006 a 2019
26	UFSC	Tradução	D	2020	Thaís Fleury Avelar Orientação: Carlos Henrique Rodrigues	Análise da tradução intermodal de texto acadêmico do português escrito para a Libras em vídeo
27	UFSC	Tradução	M	2020	Arenilson Costa Ribeiro Orientação: Rachel Louise Sutton-Spence	Literatura de cordel contemporânea: uma tradução prazerosa do par linguístico Português – Libras
28	UnB	Tradução	M	2021	Nara Caroline Santos Xavier Orientação: Patrícia Tuxi dos Santos	O tradutor intérprete de língua de sinais e as competências tradutórias necessárias na elaboração de videoprovas
29	UFSC	Tradução	M	2021	Victoria Hidalgo Pedroni Orientação: Rachel Louise Sutton-Spence	Dueto de poesia em libras: os desafios de tradução da literatura pelo tradutor dueto
30	UFC	Tradução	M	2022	Rômulo de Lima Sousa Orientação: Luana Ferreira de Freitas	A história da donzela Teodora: uma proposta de tradução comentada para a Libras
31	UFC	Tradução	M	2022	Rhuan Lucas Braz Silva Orientação: Silvana Aguiar dos Santos	Tradução comentada da cartilha Violência sexual contra crianças e adolescentes de língua portuguesa para Libras

Legenda: U – Universidade; D – Doutorado; M – Mestrado.

Fonte: o autor, com base nos dados coletados.

Pode-se observar acima (Quadro 2) que, dentre as 31 pesquisas, quatro são teses realizadas em programas de pós-graduação em tradução (2), linguística (1) e letras (1), e 27 são dissertações concluídas em programas de pós-graduação em tradução (24), literatura (2) e letras (1). Esses programas estão em seis diferentes universidades brasileiras, a saber: Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC (17); Universidade Federal do Ceará – UFC (5); Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ (2); Universidade de Brasília – UnB (5); Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS (1); e Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI (1). Vejamos a representação dessas pesquisas de mestrado e de doutorado longitudinalmente (Gráfico 1).

**Gráfico 1:** As pesquisas na pós-graduação sobre tradução intermodal não escrita para a língua de sinais no decorrer dos anos



Fonte: o autor, com base nos dados.

12

Os enfoques temáticos de tais pesquisas são diversos. Entretanto, os representaremos a partir de algumas categorias capazes de nos oferecer uma visão geral sobre o tipo de *tradução intermodal não escrita para a língua de sinais* que tem sido abordada nas pesquisas da pós-graduação brasileira: tradução de literatura (16); tradução de provas (5); tradução de textos acadêmicos/materiais (4); tradução comentada (2); tradução de texto sensível (1); tradução de música (1); tradução de bulas (1); e tradução e *design editorial* (1). Vemos que as investigações sobre a tradução intermodal de literatura, a de provas e a de textos acadêmicos para a língua de sinais em vídeo destacam-se, o que se deve a diversos fatores históricos e sociais, tais como o movimento surdo em prol das línguas de sinais e dos direitos linguísticos das comunidades surdas brasileiras e, por sua vez, das conquistas desse movimento, nas últimas décadas, na ampliação de seu acesso à educação, e conseqüentemente, à universidade e à cultura.

Essas pesquisas evidenciam a emergência dos Estudos da Tradução de Línguas de Sinais — em contraposição aos Estudos da Interpretação de Línguas de Sinais — e apresentam um campo específico de investigação: a tradução de uma língua vocal-auditiva escrita para outra gestual-visual registrada em vídeo, nesse caso, do português escrito para a Libras oral. Embora as pesquisas identificadas e listadas acima (Quadro 2) façam referência à tradução para línguas de sinais, elas se concentram mais na referência ao par-linguístico ou à língua-alvo e aos temas específicos de investigação do que na referência a esse processo tradutório singular por meio de uma denominação específica.

Isso evidencia uma lacuna na nomeação de tal processo de tradução e corrobora a importância de propormos uma denominação para ele. Deste modo, seguindo a proposta de

Rodrigues (2018) e considerando os demais termos existentes (Quadros & Souza, 2008; Wurm, 2010; Silvério *et al.*, 2012; Quadros & Segala, 2015; Peluso, 2015; Carneiro *et al.*, 2020), definimos esse processo específico de tradução do português escrito para a Libras em vídeo como *tradução intermodal não escrita para a língua de sinais*. E o conjunto de processos tradutórios que tem o seu texto-alvo disponibilizado na modalidade oral da língua, por meio de tecnologias de registro de áudio e/ou de vídeo, conceituamos como *tradução não escrita*, assim como já apresentado antes. Vejamos uma possibilidade de organização de tais processos em algumas categorias, indo da mais geral à mais específica (Quadro 3).

**Quadro 3:** *Categorização da tradução não escrita*

<b>1. Tradução não escrita</b>			
“processo de reformulação interlinguística que possui, majoritariamente, aspectos característicos de processos tradutórios, mas que se singulariza pelo fato de o seu texto-alvo ser disponibilizado na modalidade oral da língua por meio de tecnologias de registro de áudio e/ou de vídeo”			
<b>1.1 Tradução intermodal não escrita</b>		<b>1.2 Tradução intramodal não escrita</b>	
“processo de tradução intermodal de um texto em uma dada modalidade de língua para um texto oral em uma língua de outra modalidade registrado em áudio ou em vídeo”		“processo de tradução entre duas línguas de mesma modalidade em que a língua-alvo está em sua modalidade oral registrada em áudio ou em vídeo”	
<b>1.1.1 Tradução Intermodal não escrita para a língua de sinais</b>	<b>1.1.2 Tradução Intermodal não escrita para a língua vocal</b>	<b>1.2.1 Tradução Intramodal vocal-auditiva não escrita</b>	<b>1.2.2 Tradução intramodal gestual-visual não escrita</b>
“processo de tradução intermodal de um texto em uma língua vocal-auditiva para outro sinalizado em vídeo”	“processo de tradução intermodal de um texto em uma língua gestual-visual para outro vocalizado em áudio ou em vídeo”	“processo de tradução entre duas línguas vocais-auditivas em que o texto-alvo vocalizado está registrado em áudio”	“processo de tradução entre duas línguas gestuais-visuais em que o texto-alvo sinalizado está registrado em vídeo”

Fonte: o autor.

Essas denominações são apenas uma maneira de contribuir com nosso entendimento desses diferentes processos tradutórios e com o modo de se referir a eles. Falar de tradução não escrita pode ampliar nossa percepção do que é uma tradução e nos levar a (re)pensar sua caracterização assim como as competências necessárias para diferentes traduções e suas variedades, tendo implicações no modo como promovemos a formação de tradutores intermodais.

Portanto, a complexidade dos muitos fenômenos de reformulação interlinguística, vistos em suas mais distintas formas de operacionalização — tanto nas tradutórias intermodais e intramodais, escritas e não escritas, quanto nas interpretativas intermodais e intramodais — e, por sua vez, com diferentes demandas cognitivas, possibilitam que as noções de competência sejam revistas e aperfeiçoadas em prol da qualidade de uma formação de tradutores e de

---

intérpretes que passe a considerar as transformações que o mercado vem vivenciando na contemporaneidade.

Como vimos, a tradução não escrita configura-se como um processo de reformulação interlinguística intrinsecamente relacionado à modalidade oral de uso da língua, caracterizado por sua disponibilização através de tecnologias de áudio e/ou vídeo. Nesse contexto, a tradução intermodal não escrita para línguas de sinais emerge como uma vertente particularmente relevante, desafiadora e multifacetada, destacando-se pelo aumento de sua demanda atual e pelo fato de se tornar foco de interesse de diversas pesquisas. Nesse sentido, é importante tratarmos algumas características específicas desse processo.

### **Características do Processo de Tradução Intermodal Não Escrita**

Algumas pesquisas que vêm estudando a tradução intermodal não escrita para a língua de sinais têm reiterado a importância de se compreender que, embora tal processo possa se aproximar, em algumas de suas características, aos processos de interpretação, ele é um processo de tradução. E, devido a isso, possui um conjunto de características peculiares decorrentes do fato de o texto-alvo estar na modalidade oral da língua de sinais registrada em vídeo (Quadros & Souza, 2008; Wurm, 2010; Silvério *et al.*, 2012; Quadros & Segala, 2015; Peluso, 2015; Rodrigues, 2018; Carneiro *et al.*, 2020). Nas palavras de Peluso (2015, pp. 480–81, tradução minha), essas traduções

são um tipo de gravação em que o centro absoluto é o texto linguístico e sua finalidade é funcionar como um texto diferido, com a estrutura semelhante e a função descontextualizada de um texto escrito. São vídeos em que o locutor é privilegiado ao dizer o seu texto. Neste quadro, parece-me fundamental distinguir entre práticas de interpretação e práticas de tradução, na medida em que envolvem atividades e contextos bem diferenciados, assim como também me parece imprescindível desenvolver e consolidar equipes de tradução que possam começar a gerar um *corpus* traduzido [...].<sup>10</sup>

Com essa compreensão, defende-se a importância de se descrever o processo e, com isso, oferecer possíveis orientações sobre a produção de uma tradução intermodal não escrita que tem como produto final um texto em língua de sinais oral registrado em vídeo. Além disso, há uma preocupação com a formação de profissionais dos serviços de tradução de línguas de

sinais, tanto os surdos quanto os não surdos, aptos a assumir este tipo específico de encargo com os mais diversos tipos e gêneros textuais. Segundo Silvério *et al.* (2012, p. 6),

é possível perceber que o processo em questão [tradução intermodal do português escrito para a Libras oral em vídeo] mescla características da tradução e da interpretação simultânea, ainda que com significativos insumos prévios, exigindo do tradutor habilidades específicas para o monitoramento do processo.

Vejamus diferentes perspectivas de identificação e sistematização das etapas que envolveriam a tradução intermodal não escrita para a língua de sinais oral em vídeo, as quais foram sistematizadas com base nas discussões apresentadas pelos autores (Quadro 4). É interessante notar que tais etapas se vinculam, em sua maioria, às discussões sobre o processo de tradução de textos acadêmicos para uma língua de sinais.

**Quadro 4:** *Etapas do processo de tradução intermodal não escrita para a língua de sinais oral em vídeo.*

Silvério <i>et al.</i> (2012)	Peluso (2015)	Segala e Quadros (2015)	Carneiro <i>et al.</i> (2020)
1. Orientação; 2. Redação/ Projeto de Tradução; 2.1. Pré-redação I (Registro em glosas); 2.2. Revisão; 2.3. Pré-redação II (Primeiro Registro em Libras); 2.4. Revisão; 3. Registro em Libras; 4. Revisão do vídeo; 5. Registro final.	1. Preparação; 2. Reunião do projeto; 3. Tradução inicial; 4. Revisão da tradução; 5. Verificação e finalização; 6. Gravação do rascunho final em vídeo; 7. Revisão externa; 8. Gravação do vídeo de orientação; 9. Marcação de onde há trilha sonora; 10. Gravação final em estúdio; 11. Arquivo da tradução.	1. Leitura e análise do texto, previamente adaptado; 2. Propostas de tradução 3. Esclarecimento de dúvidas com o autor do texto; 4. Elaboração de apoio à tradução (glosas etc.) 5. Filmagem da versão em Libras; 6. Revisão; 7. Refilmagem de trechos revisados; 8. Edição do vídeo incorporando informações (imagens, legendas, ícones); 9. Publicação.	1. Estudo do material; 2. Decupagem; 3. Tradução; 4. Revisão; 5. Filmagem; 6. Edição; 7. Conferência/ Revisão final; 8. Refilmagem/ Reedição; 9. Disponibilização.

Fonte: o autor, com base nos autores citados.

É possível afirmar que tal processo possuiria, basicamente, as seguintes etapas: (1) estudo e análise do texto; (2) planejamento inicial da tradução; (3) registro da primeira tradução; (4) revisão da tradução; (5) gravação da tradução final; (6) revisão e ajustes do produto em vídeo; (7) finalização da edição; e (8) publicação/ disponibilização. Essas etapas evidenciam que o processo de tradução intermodal de um texto escrito para uma língua de

---

sinais oral em vídeo possui características singulares e, portanto, vai além das fases comuns de um processo tradutório (*i.e.*, orientação, redação e revisão) e exige, no mínimo, habilidades específicas para lidar com o texto-fonte escrito, em uma língua de modalidade vocal-auditiva, e com o texto-alvo oral, em uma língua de modalidade gestual-visual, registrado em vídeo.

Embora tenhamos focado a tradução intermodal não escrita para a língua de sinais, temos também demandas específicas de (i) *tradução intermodal não escrita de uma língua de sinais para a língua vocal em áudio/vídeo* (*i.e.*, de um texto em língua de sinais, escrito ou oral em vídeo, para um texto em uma língua vocal oral em áudio ou em vídeo) e de (ii) *tradução intramodal gestual-visual não escrita* (*i.e.*, de um texto em língua de sinais, escrito ou oral em vídeo, para um texto em outra língua de sinais oral em vídeo). Esses processos tradutórios que envolvem línguas de sinais diferenciam-se da tradução intermodal não escrita para a língua de sinais, que abordamos antes, pelo fato de partirem de uma língua de sinais. Nesse sentido, não possuem como texto-fonte um texto em uma língua vocal escrita.

Além de toda essa abordagem que apresentamos sobre a tradução não escrita, é importante dizer que a *tradução intermodal escrita* também é uma realidade (*i.e.*, a tradução entre a escrita de uma língua vocal-auditiva e a escrita de uma língua gestual-visual), assim como a *tradução intramodal gestual-visual escrita* pode ser (*i.e.*, tradução entre dois textos escritos em línguas de sinais diferentes). No que se refere à tradução intermodal escrita, temos inclusive algumas pesquisas desenvolvidas a respeito.

Dentre essas pesquisas, vale mencionar as dissertações realizadas no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da UFSC: (i) *Português Brasileiro e Libras: elos coesivos em textos em relação tradutória* (Domingos, 2013), que tem como foco a tradução para o português escrito de um artigo publicado em Libras escrita; e (ii) *Tradução de poesia escrita em Libras para a língua portuguesa* (Barros, 2020), que aborda a tradução de poesia em Libras escrita para o português escrito.

Em suma, a tradução intermodal não escrita para línguas de sinais emerge como um encargo contemporâneo específico e como um campo de estudo que transcende as distinções tradicionais entre tradução e interpretação. Este processo exige habilidades e conhecimentos específicos para lidar com a reformulação de textos escritos em línguas vocais para textos orais em línguas de sinais registrados em vídeo. A descrição desse processo e a identificação de suas etapas, entre outros, são cruciais para orientar a formação de profissionais capazes de atender às crescentes demandas desse campo.

---

## Considerações Finais

Apresentamos a complexa e singular natureza do processo tradutório que envolve o registro em vídeo de uma língua de sinais, em resposta às atuais demandas por modos de tradução que transcendem o trabalho com textos escritos, o qual denominamos de tradução não escrita. Com essa abordagem, buscamos estabelecer uma base conceitual, diferenciando os processos tradutórios dos interpretativos. Em seguida, oferecemos uma análise das discussões e pesquisas relacionadas à tradução não escrita, culminando na proposta de uma nomenclatura que abrange essa categoria de processos de tradução não escrita e descrevemos as etapas que comporiam a tradução intermodal não escrita para uma língua de sinais em vídeo.

De modo geral, vemos que, gradativamente, esses outros modos de tradução envolvendo línguas de sinais vão se consolidando e ampliando. Esse processo de tradução não escrita apresenta um conjunto de novas possibilidades para o mercado de trabalho, assim como perspectivas inovadoras sobre os ETILS. Além disso, a tradução de/entre/para línguas de sinais tem contribuído, significativamente, com o crescimento das pesquisas sobre diferentes processos de tradução e de interpretação, sendo uma área promissora, tanto no âmbito dos Estudos da Tradução quanto no dos Estudos da Interpretação.

Esperamos que, num futuro próximo, tenhamos um arcabouço teórico e metodológico mais apurado no campo dos ETILS, o qual nos permita melhor descrever, investigar e compreender os múltiplos e multifacetados processos tradutórios e interpretativos, envolvendo línguas de sinais, em suas mais diversas variedades e manifestações contemporâneas. Nesse sentido, novos estudos e investigações para uma compreensão mais profunda desses processos são imprescindíveis.

Como vimos, o campo da tradução não escrita para a língua de sinais já se apresenta como um campo de interesse e investigação, reforçando a urgência e necessidade de não somente novas investigações, mas, sobretudo, de sistematizações capazes de orientar tradutores surdos e não surdos de línguas de sinais — inclusive aqueles que estão em processo de formação — e de contribuir com o aperfeiçoamento dos serviços de tradução intermodal não escrita para a língua de sinais em vídeo.

## REFERÊNCIAS

Alves, F., & Pagura, R. (2002). The interface between written translation and simultaneous interpretation: instances of cognitive management with a special focus on the memory issue. In *Proceedings of the XVI World Congress of the International Federation of*

---

*Translators: Ideas for a New Century* (pp. 73–80). Vancouver: University of British Columbia.

- Baker, M., & Saldanha, G. (2009). *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. Routledge.
- Barros, R. O. (2020). *Tradução de Poesia Escrita em Libras para a Língua Portuguesa*. [Dissertação de Mestrado, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina]. <http://tede.ufsc.br/teses/PGET0475-D.pdf>
- Carneiro, T. D., Vital, D. S. H., & Souza, R. P. L. de. (2020). O processo de produção de textos traduzidos para Libras em vídeo no Departamento de Letras-Libras (UFRJ) comparado ao processo de produção de traduções editoriais entre línguas orais. *Belas Infieis*, 9(5), 135–166. <https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfieis/article/view/31990>
- Domingos, F. K. P. (2013). *Português Brasileiro e Libras: elos coesivos em textos em relação tradutória*. [Dissertação de Mestrado, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina]. <http://tede.ufsc.br/teses/PGET0190-D.pdf>
- 18 García, A. M. (2019). *The Neurocognition of Translation and Interpreting*. John Benjamins Publishing Company.
- Gile, D. (2009). Conference Interpreting: historical and cognitive perspectives. In M. Baker, & G. Saldanha, *Routledge Encyclopedia of Translation Studies* (pp. 51–56). Routledge.
- Groot, A. M. B. (1997). The cognitive study of translation and Interpretation. In J. H. Danks, G. M. Shreve, S. B. Fountain, & M. K. Mcbeath, *Cognitive processes in translation and interpreting* (pp. 25–56). Sage.
- Jiménez-Ivars, A. J. (2002). Variedades de interpretación: modalidades y tipos. *Hermēneus. Revista de Traducción e Interpretación*, (4), 95–114. <https://recyt.fecyt.es/index.php/HS/article/view/6105>
- Jiménez-Ivars, A., & Hurtado Albir, A. (2003). Variedades de traducción a la vista. Definición y clasificación. *TRANS: Revista de Traductología*, (7), 47–57. <https://doi.org/10.24310/trans.2003.v0i7.2946>
- Kade, O. (1968). Kommunikationswissenschaftliche Probleme der Translation. In *Beihefte zur Zeitschrift Fremdsprachen II* (pp. 3–19). Leipzig: VEB Verlag.
- Linhares, R. S. A. (2019). *Traduzir a surditude: diálogos entre pesquisadores surdos do Brasil e a Tradutologia das línguas de sinais*. [Dissertação de Mestrado, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina]. <http://tede.ufsc.br/teses/PGET0440-D.pdf>

- 
- Pagura, R. (2003). A interpretação de conferências: interfaces com a tradução escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, 19(spe), 209–236. <https://doi.org/10.1590/s0102-44502003000300013>
- Pagura, R. J. (2015). Tradução & Interpretação. In L. M. Amorim, C. C. Rodrigues, & E. N. A. Stupiello, *Tradução & perspectivas teóricas e práticas* (pp. 183–207). Unesp Digital.
- Peluso, L. (2015). Traducción entre español escrito y lengua de señas uruguaya videograbada: un nuevo desafío. *Cadernos de Tradução*, 35(2), 479–504. <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2015v35nesp2p479>
- Pereira, M. C. P. (2010). Produções Acadêmicas sobre Interpretação de Língua de Sinais: dissertações e teses como vestígios históricos. *Cadernos de Tradução*, 2(26), 99–117. <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2010v2n26p99>
- Pereira, M. C. P. (2015). Reflexões sobre a tipologia da interpretação de línguas de sinais. *Cadernos de Tradução*, 35(2), 46–77. <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2015v35nesp2p46>
- Pöchhacker, F. (2004). *Introducing interpreting studies*. Routledge.
- Pöchhacker, F. (2009). Issues in Interpreting Studies. In J. Munday, *The Routledge Companion to Translation Studies* (pp. 128–140). Routledge.
- Quadros, R. M. de, & Segala, R. R. (2015). Tradução intermodal, intersemiótica e interlinguística de textos escritos em Português para a Libras oral. *Cadernos de Tradução*, 35(2), 354–386. <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2015v35nesp2p354>
- Quadros, R. M., & Souza, S. X. (2008). Aspectos da tradução/ encenação na Língua de Sinais Brasileira para um ambiente virtual de ensino: práticas tradutórias do curso de Letras-Libras. In R. M. Quadros, *Estudos Surdos III* (pp. 168–207). Arara-Azul.
- Rodrigues, C. H. (2013). *A interpretação para a Língua de Sinais Brasileira: efeitos de modalidade e processos inferenciais* [Tese de Doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais]. [https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/MGSS-9CXQ8L/1/rodrigues\\_\\_2013\\_\\_\\_tese\\_poslin.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/MGSS-9CXQ8L/1/rodrigues__2013___tese_poslin.pdf)
- Rodrigues, C. H. (2018). Translation and signed language: highlighting the visual-gestural modality. *Cadernos de Tradução*, 38(2), 294–319. <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2018v38n2p294>
- Rodrigues, C. H. (2022). Tradução e línguas gestuais-visuais: a modalidade de língua em destaque. In N. A. Albres, C. H. Rodrigues, & V. Nascimento, *Estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais: contextos profissionais, formativos e políticos* (pp. 19–43). Insular.

---

Rodrigues, C. H., & Beer, H. (2015). Os estudos da tradução e da interpretação de línguas de sinais: novo campo disciplinar emergente? *Cadernos de Tradução*, 35(2), 17–45. <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2015v35nesp2p17>

Sampaio, G. R. L. (2017). Tradução Oral à Prima Vista na formação do intérprete: considerações pedagógicas. *Domínios de Lingu@Gem*, 11(5), 1674–1684. <https://doi.org/10.14393/DL32-v11n5a2017-15>

Santos, S. A. (2013). *Tradução/Interpretação de Língua de Sinais no Brasil: uma análise das teses e dissertações de 1990 a 2010*. [Tese de Doutorado, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina]. <http://tede.ufsc.br/teses/PGET0178-T.pdf>

Silvério, C. C. P., Rodrigues, C. H., Medeiros, D. V., & Romeiro, S. A. L. V. (2012). Reflexões sobre o processo de tradução-interpretação para uma língua de modalidade espaço-visual. In *Anais do Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa*, (pp. 1–7). Florianópolis. PGET UFSC.

Souza, R. P. L.; Freitas Júnior, R. Proficiência de leitura de alunos surdos no ensino superior: uma análise a partir de textos em Libras. *Revista Sinalizar*, v. 7, 2022. <https://doi.org/10.5216/rs.v7.72811>

20 Stone, C. (2009). *Toward a Deaf Translation Norm*. Gallaudet University Press.

Wurm, S. (2010). *Translation across Modalities: The Practice of Translating Written Text into Recorded Signed Language. An Ethnographic Case Study*. [PhD Thesis, Doctor of Philosophy, Heriot-Watt University, Department of Languages, and Intercultural Studies]. <https://www.ros.hw.ac.uk/handle/10399/2407>

---

<sup>1</sup> Este texto é parte das atividades do pós-doutorado realizado na Universidade de Vigo, Espanha, sob a orientação da professora Dra. María Teresa Veiga-Díaz e faz parte das ações de internacionalização do InterTrads – Núcleo de Pesquisa em Interpretação e Tradução de Línguas de Sinais e do Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução (PGET), ambos da Universidade Federal de Santa Catarina, assim como das ações do Programa de Extensão Observatório da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais (Otradilis). Cabe registrar que essa produção não se vincula ao Programa Institucional de Internacionalização – PrInt/Capes-UFSC, não tendo recebido do referido Programa nenhum tipo de aporte financeiro ou incentivo.

<sup>2</sup> Estamos optando por esse termo como forma de se referir a todo e qualquer processo, desenvolvido por bilíngues, que envolva a construção de um texto, oral ou escrito, numa dada língua, a partir de um texto, oral ou escrito, em outra língua, sem fazer nenhuma distinção ou diferenciação entre o modo como esse processo é levado a cabo (cf. García, 2019). Portanto, esse termo está sendo usado como um hiperônimo que se refere aos diferentes tipos e modos de tradução e de interpretação interlinguísticas e intralinguísticas existentes.

<sup>3</sup> No original: “*The practices of translators and interpreters, on the one hand, overlap, and we find completely new modes of translation that do not resemble either. The landscape of translational modes is widening and becoming more diverse*” (Wurm, 2010, p. 198).

<sup>4</sup> Entendemos o texto como uma unidade linguística que resulta de um evento comunicativo, uma manifestação complexa que engloba diversas formas de comunicação, incluindo a escrita e a oralidade, a comunicação visual e multimodal. Um texto não se limita apenas à disposição de palavras ou elementos, mas é uma construção que possui uma estrutura ou organização que permite a interpretação e atribuição de significado. A compreensão de um texto também está intrinsecamente ligada aos suportes físicos ou virtuais nos quais ele circula. Além disso, é importante destacar que o próprio corpo pode ser considerado um suporte para o texto.

<sup>5</sup> No Brasil, há certa circulação: (i) do sistema gráfico de escrita das línguas de sinais, conhecido como *SignWriting* e desenvolvido pela americana Valerie Sutton, na década de 1970; (ii) do ELiS (Escrita das Línguas de Sinais),

---

baseado no sistema de notação de Stokoe (1965) e desenvolvido pela professora Mariângela Estelita Barros da Universidade Federal de Goiás (UFG), na década de 1990; e (iii) do SEL (Sistema de Escrita para Libras), um sistema de natureza trácica que visa ser funcional e foi desenvolvido por um grupo de pesquisadores da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), na primeira década do século XXI. Existem outras propostas, no âmbito internacional, como a Escrita Alfabética da Língua de Sinais Espanhola, de Ángel Herrero Blanco.

<sup>6</sup> No original: “*Interpreting is the oral or signed translation of oral or signed discourse, as opposed to the oral translation of written texts. The latter is known as sight translation*” (Gile, 2009, p. 51).

<sup>7</sup> Note que não estamos fazendo referência a um tipo de interpretação à prima vista, pois o texto escrito não está acabado e integralmente disponível em um dado suporte. Estamos nos referindo a uma situação peculiar, já observada em algumas situações: (1) em eventos em que intérpretes surdos atuavam com base no texto-fonte escrito em fluxo, apresentado em um monitor, a partir da ação de uma equipe de estenotipistas. A palestrante falava, estenotipistas transcreviam (tornando o discurso acessível ao público por meio de sua escrita) e o intérprete surdo interpretava, nesses casos, do português escrito para a Libras; e (2) em uma ópera em inglês, intérpretes de Libras (não falantes de inglês) atuavam com base no texto em português disponibilizado na supralendagem (*surtitling*). Embora tivessem a referência sonora das músicas, seu texto-fonte era o português escrito em fluxo.

<sup>8</sup> Note que tais elementos distintivos são gerais e podem variar conforme diferentes demandas e possibilidades de encargos de tradução e de interpretação. Esses traços diferenciadores servem de orientação ao estudo e à definição dos processos e não estão elencados em ordem de relevância ou de valor. Não é interesse indicar qual dos critérios seria melhor ou de maior impacto na distinção dos processos tradutórios e interpretativos.

<sup>9</sup> É interessante observar que a leitura dos textos em línguas de sinais registrados em vídeo também tem sido objeto de investigação. Os resultados têm indicado que tal leitura equivale a de textos escritos, no que se refere às competências e aos conhecimentos prévios requeridos por parte do leitor, os quais vão impactar sua proficiência na leitura (Souza & Freitas Júnior, 2022).

<sup>10</sup> No original: “*Son un tipo de grabación en el que el centro absoluto es el texto lingüístico y su finalidad es la de funcionar como texto diferido, con similar estructura y función descontextualizada que un texto escrito. Son videos en los que queda privilegiado el hablante diciendo su texto. En este marco me parece clave distinguir entre prácticas de interpretación y prácticas de traducción, en la medida en que involucran actividades y contextos bien diferenciados, así como también me parece imprescindible que se desarrollen y consoliden equipos traductológicos que puedan comenzar a generar un corpus traducido [...]*” (Peluso, 2015, pp. 480–81).